



O PUZZLE
*do Seleccionador
Nacional
de Basquetebol*

JOÃO CARLOS OLIVEIRA,
PAULO TINA e HUGO FAIAL

30

COLECCAO DESPORTO E TEMPOS LIVRES | DIRIGIDA POR LUÍS HORTA

CAMINHO

OS AUTORES

JOÃO CARLOS OLIVEIRA, envolvido no basquetebol desde 1978, abraçou a carreira de treinador na época de 1987-88, após entrar na FCDEF-UP para se licenciar em Ensino da Educação Física, opção Basquetebol e tirar o mestrado em Ciências do Desporto, especialidade em Desporto de Rendimento para Crianças e Jovens.

Participou em várias acções de formação específica nos EUA e tem o nível 3 de formação específica de treinador pela Escola Nacional de Basquetebol.

Tem experiência como jogador (9 anos), treinador principal (clubes, Centro Nacional de Treino do Porto), seleccionador (Seleção Regional e Seleção Nacional Cadetes Masculinos), director técnico regional, formador (ENB e ABP), formador de formadores e docente de basquetebol no ensino universitário (ISMAI). É autor de numerosos artigos da especialidade e ainda do livro *O Ensino do Basquetebol — Gerir o presente. Ganhar o futuro* (Editorial Caminho, 2001). Actualmente é dirigente da ANTB e organizador de eventos de basquetebol em Portugal e nos Estados Unidos.

PAULO TINA é licenciado em Desporto e Educação Física pela FCDEF-UP, na opção de Rendimento de Basquetebol. Treinador de nível 3, regista, desde 1995, passagens pelo FC Porto (campeão nacional juniores "B" masculinos 1995/96), CDUP, GDB Leça, ABP (treinador principal da Seleção Distrital de Cadetes Masculinos e campeão nacional cadetes masculinos 2000/01) e FPB (treinador residente do Centro Nacional de Treino do Porto de 2000 a 2002 e treinador-assistente da Seleção Nacional de Cadetes Masculinos 2001/2002).

HUGO FAIAL encontra-se de momento a frequentar o 5.º ano do curso de Desporto e Educação Física da FCDEF-UP, na opção de Rendimento de Basquetebol. A carreira de treinador teve início no ano de 1997, tendo passado por clubes como a Associação Desportiva e Cultural Quinta da Oliveira e Monção Basket Clube. Foi ainda treinador-assistente da Seleção Distrital de Cadetes Masculinos da ABP (campeão nacional cadetes masculinos 2000/01) e, como treinador-assistente, pertenceu à equipa técnica do Centro Nacional de Treino do Porto em 2000/2001 e 2001/2002, e da Seleção Nacional de Cadetes Masculinos de 2001/2002.

olvido no basquetebol desde 1978, abraçou a carreira em 1987-88, após entrar na FCDEF-UP para se licenciarem em Educação Física, opção Basquetebol e tirar o mestrado em Educação em Desporto de Rendimento para Crianças e Jovens.

Tem uma formação específica nos EUA e tem o nível de treinador pela Escola Nacional de Basquetebol. Foi treinador (9 anos), treinador principal (clubes, Centros de Formação), seleccionador (Seleção Regional e Seleção Nacional), director técnico regional, formador (ENB e ABP), docente de basquetebol no ensino universitário e autor de artigos da especialidade e ainda do livro *O Enigma do Presente. Ganhar o futuro* (Editorial Caminho, 1998), da ANTB e organizador de eventos de basquetebol em Portugal e nos Estados Unidos.

Actualmente trabalha em Desporto e Educação Física pela FCDEF-UP, na opção de Basquetebol. Treinador de nível 3, regista, desde 1995, o título de campeão nacional juniores "B" masculinos 1995/96, treinador principal da Seleção Distrital de Cadetes Masculinos 2000/01 e FPB (treinador principal de Treino do Porto de 2000 a 2002 e treinador principal Nacional de Cadetes Masculinos 2001/2002).

Actualmente encontra-se a frequentar o 5.º ano do curso de Licenciatura em Educação Física pela FCDEF-UP, na opção de Rendimento de Basquetebol. Tem uma experiência profissional de 12 anos, tendo iniciado em 1997, tendo passado por várias instituições de ensino superior e cultural Quinta da Oliveira e Monção. Foi treinador principal e assistente da Seleção Distrital de Cadetes Masculinos 2000/01 e, como treinador principal, foi responsável pela equipa técnica do Centro Nacional de Treino do Porto de 2000 a 2002, e da Seleção Nacional de Cadetes Masculinos 2001/2002.

JOÃO CARLOS OLIVEIRA,
PAULO TINA e HUGO FAIAL

O PUZZLE *do Seleccionador Nacional de Basquetebol*

30

COLECÇÃO DESPORTO E TEMPOS LIVRES II DIRIGIDA POR LUÍS HORTA

CAMINHO

O PUZZLE DO SELECIONADOR NACIONAL DE BASQUETEBOL

Autor: João Carlos Oliveira, Paulo Tina e Hugo Faial

Design gráfico: José Serrão

© Editorial Caminho, SA, Lisboa — 2003

Tiragem: 2000 exemplares

Impressão e acabamento: Tipografia Lousanense, L.^{da}

Data de impressão: Setembro de 2003

Depósito legal n.º 200 475/03

ISBN 972-21-1568-5

www.editorial-caminho.pt

Índice

Prefácio (<i>José Francisco e Costa</i>)	11
Siglas e abreviaturas	15
Nota prévia	17
Introdução	19
Objectivos	31
Ponto de partida	33
Carta da Selecção Nacional de Cadetes Masculinos	37
I PARTE — PRODUTOS	41
1. Procedimentos a seguir por todos	43
1.1. Regras gerais de interacção	43
1.2. Treinos	44
1.3. Deslocações	46
1.4. Alojamento	46
1.5. Jogos	46
1.6. País	48
1.7. Reforço dos valores	49
1.8. Estás dentro... ou fora?	50
2. Colaboradores	53
2.1. Perfil	53
2.2. Descrição de tarefas	54
2.2.1. Razões que implicam uma clara descrição de tarefas para todos os colaboradores	54
2.2.2. Treinador	55

INADOR NACIONAL DE BASQUETEBOL
s Oliveira, Paulo Tina e Hugo Faial
gn gráfico: José Serrão
Caminho, SA, Lisboa — 2003
gem: 2000 exemplares
imento: Tipografia Lousanense, L.^{da}
ipressão: Setembro de 2003
ito legal n.º 200 475/03
IBN 972-21-1568-5

v.editorial-caminho.pt

8 ■ JOÃO CARLOS OLIVEIRA, PAULO TINA E HUGO FAIAL

2.2.3. Treinadores-assistentes	56
2.2.4. Médico e fisioterapeuta	57
3. Construção de uma dinâmica de equipa	59
3.1. Consciência de equipa	59
3.2. Estabelecer e aceitar desafios (objectivos) = responsabilização	60
3.3. Comprometer-se a estar motivado para o sucesso	62
3.4. Comunicação construtiva	63
3.5. Tarefas	63
4. Critérios e processos de selecção de acordo com o conceito de jogo e jogador	65
4.1. Idade/nacionalidade	65
4.2. Características portuguesas	66
4.3. Estratégia da «escola portuguesa»	69
4.4. Processos de recolha de informação e selecção ..	74
5. Rotinas semanais	79
5.1. Jogador	80
5.1.1. Lançamento	80
5.1.2. Técnica de corrida	82
5.1.3. Alongamentos com bola	84
5.1.4. Defesa da bola	85
5.1.5. Jogar com bola	87
5.1.5.1. Bases	87
5.1.5.2. Extremos	93
5.1.5.3. Grandes	101
5.1.6. Jogar sem bola	104
5.1.6.1. Reagir ao drible	104
5.1.6.2. Usar os bloqueios	106
5.1.7. Trabalho físico	113
5.1.7.1. Noções básicas	113
5.1.7.2. Testes	116
5.1.7.3. Formas de trabalho	122
5.1.7.4. Programação anual do trabalho físico	130
5.2. Equipa	132
5.2.1. 5 × 0 saídas de pressão	133
5.2.2. 0 × 5 defesa-zona	137
5.2.3. 3 × 3 + C	142
5.2.4. Finalizar CA	151

Assistentes	56
Psicoterapeuta	57
Dinâmica de equipa	59
Equipa	59
aceitar desafios (objectivos) =	
ção	60
se a estar motivado	
.....	62
construtiva	63
.....	63
de selecção de acordo com	
jogador	65
idade	65
portuguesas	66
escola portuguesa»	69
colha de informação e selecção ..	74
.....	79
.....	80
.....	80
corrida	82
os com bola	84
ola	85
ola	87
.....	87
.....	93
.....	101
ola	104
o drible	104
doqueios	106
co	113
ásicas	113
.....	116
e trabalho	122
ção anual do trabalho físico	130
.....	132
de pressão	133
zona	137
.....	142
.....	151

5.2.5. Saída de pressão (defende + ataca + stop)	155
5.2.6. Defesa + ressalto	156
5.2.7. Jogos de «guerra» (defesa + ressalto + + contra-ataque)	163
5.2.8. Jogo contra-ataque-ataca	165
5.2.9. Jogo marca-ataca	166
5.2.10. Jogo 5 × 5 com 2C (balanço defensivo)	167
5.2.11. Situações especiais	169
5.2.11.1. Bola fora no ½ campo defensivo ou linha de ½ campo	169
5.2.11.2. Bola fora no ½ campo ofensivo e na linha final ofensiva	170
5.2.11.3. Bolas ao ar	174
5.2.11.4. Lance livre no cesto defensivo	176
5.2.11.5. Organização	176
II PARTE — CADETES 2003, SUCESSO OU FRACASSO?	179
1. Em portugal, treina-se pouco!	183
2. A preparação para a competição	187
3. O comportamento em competição	193
3.1. SNCM — que passado?	193
3.2. SNCM — que presente?	195
3.2.1. A fase de qualificação para o 17.º Campeonato da Europa	195
3.2.2. Equipas apuradas	197
3.2.3. A participação portuguesa	198
3.2.4. Análise dos resultados	201
3.2.4.1. Ao nível da equipa	202
3.2.4.2. Ao nível dos jogadores	208
3.2.4.3. Síntese dos resultados	215
3.3. SNCM — o futuro	215
3.4. Cadetes 2003, sucesso ou fracasso?	218
III PARTE — ANÁLISE INTEGRADA, VERTICAL E ESTRATÉGICA DAS COMPETIÇÕES	223
IV PARTE — Conclusão	237
Bibliografia recomendada	243

Prefácio

Quando alguém se disponibiliza para partilhar com os outros as suas ideias, saberes e experiências adquiridos no decurso do seu desempenho profissional é para nós sempre gratificante registá-lo.

Como seria hoje a nossa civilização se, desde a invenção da escrita, o Homem não se preocupasse em transmitir os conhecimentos adquiridos às gerações vindouras? Ninguém poderá imaginar.

Este é pois mais um contributo a juntar a vários outros que o professor João Carlos Oliveira vem colocar à nossa disposição para enriquecer o futuro dessa bela modalidade desportiva que é o basquetebol.

Trata-se neste caso de um trabalho baseado nas acções desenvolvidas com jovens da Selecção Nacional de Cadetes Masculinos, de que foi responsável, referenciando de uma maneira bastante objectiva, não só a forma concreta de trabalhar no terreno mas também suas envolvências directas como a sua filosofia de jogo, metodologia adoptada e conclusões a que chegou para que o desenvolvimento da modalidade possa ser uma realidade.

Por se tratar de um estudo elaborado com base num trabalho prático concreto, ele ganha um interesse maior, em nossa opinião, pela sua objectividade, pois é à prática que devemos ir

buscar os alicerces dos saberes e filosofias que devem mostrar as nossas opções técnico-táticas e pedagógicas. Como o conhecimento nunca se esgota, visto a ciência estar sempre em constante evolução, principalmente nas áreas de suporte do treino desportivo, o processo de aprendizagem de quem tem por missão ensinar deverá constituir-se como uma preocupação permanente ao longo de toda a carreira profissional, se queremos ter sucesso no desempenho das nossas tarefas.

No entanto, se a valorização dos treinadores é fundamental para a melhoria do jogo — valorização essa realizada quer através do estudo de vivências próprias quer da permuta com experiências alheias — é nossa convicção de que a causa dos fracassos registados no nosso basquetebol deve-se em grande parte a razões estruturais que é urgente rectificar.

Neste quadro, alguns dos considerandos críticos apresentados por João Carlos Oliveira são merecedores de reflexão por parte de quem tenha responsabilidades neste domínio, concretamente técnicos e dirigentes. A sua experiência em diferentes áreas ligadas ao basquetebol, nomeadamente treino desportivo, dirigismo e ensino, confere-lhe alguma autoridade e voz própria. Isto porque a experiência, seja em que área for, não é o simples acumular de tempo de serviço mas sim o resultado acumulado de três factores: prática no terreno, análise de resultados e estudo e reflexão para procura de novas propostas correctoras de acções insatisfatórias. João Carlos Oliveira integra perfeitamente estes princípios, como facilmente se constata pelo presente trabalho.

Contudo, para além das razões estruturais que comprometem principalmente clubes, associações e federação num processo de desenvolvimento, a insatisfação relativamente ao nosso estádio actual não se circunscreve a uma única causa. Não sendo nossa intenção referenciar de forma exaustiva todas as vertentes que em nossa opinião podem contribuir para a melhoria do jogo em todos os seus aspectos, queremos realçar, no entanto, o insubstituível papel que cabe ao técnico de equipas de formação, e, neste domínio, a importância da pedagogia e metodologia de treino desportivo como áreas determinantes do sucesso do binómio ensino-aprendizagem. É sabido que não são os exercícios técnicos por si, e por melhor seleccionados que sejam, que ensinam o que quer

saberes e filosofias que devem mostrar as actuais e pedagógicas. Como o conhecido a ciência estar sempre em constante nas áreas de suporte do treino e aprendizagem de quem tem por missão ser-se como uma preocupação permanente eira profissional, se queremos ter sucessos tarefas.

Formação dos treinadores é fundamental — valorização essa realizada quer através próprias quer da permuta com experiência — convicção de que a causa dos fracassos do basquetebol deve-se em grande parte é urgente rectificar.

Os considerandos críticos apresentados são merecedores de reflexão por parte das autoridades neste domínio, concretamente a experiência em diferentes áreas ligadas ao treino desportivo, dirigismo e autoridade e voz própria. Isto porque a área for, não é o simples acumular de resultados, mas o resultado acumulado de três factores: a análise de resultados e estudo e reflexão para a melhoria das acções insatisfatórias. É importante estes princípios, como os presentes no presente trabalho.

As razões estruturais que comprometem as associações e federação num processo de insatisfação relativamente ao nosso estádio devem ser analisadas a uma única causa. Não sendo nossa obrigação exaustiva todas as vertentes que em contribuem para a melhoria do jogo em todos os aspectos, nos realçar, no entanto, o insubstituível aspecto de equipas de formação, e, neste âmbito, a pedagogia e metodologia de treino determinantes do sucesso do binómio ensino-aprendizagem, que não são os exercícios técnicos por si só, mas os que sejam, que ensinam o que quer

que seja. Qualquer exercício técnico não é mais do que uma situação pedagógica em que os jovens atletas são colocados para que o seu técnico possa intervir, corrigindo e ensinando no sentido da aquisição de gestos e comportamentos técnicos correctos por parte dos jovens, o que lhes irá possibilitar adquirir a capacidade de resposta técnica adequada aos problemas que o jogo coloca. Daqui pode inferir-se que não basta ao técnico de formação o conhecimento técnico e tático das bases do jogo, mas identificar-se também com as mais elementares formas de transmitir esses conhecimentos de uma maneira eficaz e sólida aos jovens atletas em fase de aprendizagem.

A formação desportiva de um jovem não se resume, contudo, a uma simples aquisição de gestos técnicos. Outras componentes existem ainda, sem as quais a participação competitiva será sempre de baixa qualidade. Referimo-nos a uma cultura tática de base, essencial no jogo colectivo que é o basquetebol, a uma boa amplitude visual susceptível de permitir uma permanente leitura de jogo, visando conseguir as melhores soluções e, ainda, um estado permanente de autoconfiança e determinação, sem o que o sucesso competitivo poderá ficar seriamente comprometido.

São todos estes considerandos, sugeridos pela leitura do presente trabalho, se não numa forma explícita na sua generalidade mas de maneira implícita em muitos aspectos, que nos levam a considerar, como atrás já referimos, que estamos perante um novo e importante contributo para um melhor conhecimento do basquetebol nas suas múltiplas vertentes e, em particular, do basquetebol português, o que para nós é mais gratificante ainda registar.

Por último, e em conclusão, gostaríamos de realçar algumas linhas de força que emergem da filosofia adoptada por João Carlos Oliveira e seus colaboradores técnicos e que se resumem deste modo:

- procura de um modelo de jogo próprio;
- pensar a formação nos seguintes aspectos:
 - apetrechamento técnico e tático de base,
 - carácter dos jogadores,
 - humildade na aprendizagem,
 - sólida formação ética;

14 ■ JOÃO CARLOS OLIVEIRA, PAULO TINA E HUGO FAIAL

— *permuta de saberes sob múltiplas formas, inclusive internet, com outros técnicos e demais interessados.*

Que este esforço de partilha seja útil a todos os responsáveis e que tenha seguidores, é o que se deseja.

Professor José Francisco e Costa

, PAULO TINA E HUGO FAIAL

res sob múltiplas formas, inclusive inter-técnicos e demais interessados.

partilha seja útil a todos os responsáveis é o que se deseja.

Professor José Francisco e Costa

Siglas e abreviaturas

- A — Ataque
- AE — Área
- C — *coach* (treinador)
- CA — contra-ataque
- CAD, CAD-ABP — Conselho de Arbitragem Distrital da Associação de Basquetebol do Porto
- CNTP, CNT Porto — Centro Nacional de Treino do Porto
- D — derrota(s)
- DP — diferença pontual
- DTN — director técnico nacional
- ETN — equipa técnica nacional
- EXP. — força explosiva
- FCDEF — Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
- FIBA — Federação Internacional de Basquetebol Amador
- FPB — Federação Portuguesa de Basquetebol
- RM — repetição máxima
- RPS — repetições
- SD — desvio-padrão
- SNC, SNCM — Selecção Nacional de Cadetes Masculinos
- T — treinador
- TEDH — trabalho, empenho, disciplina e humildade
- UCLA — corte sobre bloqueio cego após passe ao extremo
- V — vitória(s)

Indicadores do jogo

- 2C — número de lançamentos de 2 pontos convertidos
- 2% — percentagem de eficácia nos lançamentos de 2 pontos
- 3C — número de lançamentos de 3 pontos convertidos
- 3% — percentagem de eficácia nos lançamentos de 3 pontos
- LLC — número de lances livres convertidos
- LLT — número de lances livres tentados
- LL% — percentagem de eficácia na linha de lance livre
- RO — número de ressaltos ofensivos conquistados
- RD — número de ressaltos defensivos conquistados
- TR — total de ressaltos conquistados
- ASS — número de assistências realizadas
- TO — total de perdas da posse de bola sem lançamento; *turnovers*
- RB — número de roubos de bola efectuados
- DL — número de desarmes de lançamento consumados
- PTS — número de pontos marcados
- PM — pontos marcados
- PS — pontos sofridos

, PAULO TINA E HUGO FAIAL

amentos de 2 pontos convertidos
ficácia nos lançamentos de 2 pontos
amentos de 3 pontos convertidos
ficácia nos lançamentos de 3 pontos
s livres convertidos
s livres tentados
eficácia na linha de lance livre
os ofensivos conquistados
os defensivos conquistados
conquistados
tências realizadas
posse de bola sem lançamento; *turnovers*
s de bola efectuados
nes de lançamento consumados
s marcados

Nota prévia

Aceitei, em Julho de 2001, o desafio que me foi colocado pessoalmente pelo Sr. presidente da Federação Portuguesa de Basquetebol (FPB), Sr. Mário Saldanha, no sentido de participar no processo de reestruturação e renovação de todas as estruturas federativas que procurava na altura realizar, especificamente dos quadros técnicos. Fui, então, convidado para liderar a equipa técnica da Selecção Nacional de Cadetes Masculinos (SNCM) que se concentraria no Centro Nacional de Treino do Porto (CNT Porto) e que, durante a época desportiva 2001/2002, poderia preparar a participação na fase de qualificação para o 17.º Campeonato da Europa de cadetes masculinos, que se disputaria em Agosto de 2002 na Hungria.

Neste enquadramento de necessidade de mudança e transformação, encontrei a motivação para, através de um espírito de missão, poder intervir directamente numa transformação mutuamente desejada.

Compreende-se que mudar dá muito trabalho, mas que qualquer intenção de melhoria passa necessariamente por essa atitude. Parece-me que a mudança deve começar por uma forte atitude de organização consubstanciada na clarificação das ideias-chave, enquanto estratégia de acção — projecto. A este propósito, direi que pior do que um mau projecto é a ausência de projecto, algo

que não me é desconhecido, pois esta situação é análoga à que vivi enquanto director técnico regional da Associação de Basquetebol do Porto em 1990-91. Nessa altura, perguntava por que se avançava com determinadas iniciativas, em que medida serviam o todo. Normalmente a reacção era a criação de um «grupo de trabalho» para se debruçar sobre o assunto.

Admiro a capacidade de prolongar no tempo a direcção do basquetebol nacional nestes termos. Porém, não sendo alheio a que a grandes incrementos no desenvolvimento estão associados processos de ruptura, esperava e continuo a esperar que as pessoas sejam capazes de mudar e que não se «afoguem» na gestão do dia-a-dia.

Deste modo, continuei o meu investimento no desenvolvimento e compreensão dos sistemas organizacionais na procura dos «*transfers*» possíveis para a nossa modalidade — o basquetebol. Desse investimento resultou um conjunto de ideias que, aproveitando os diferentes meios disponíveis, fui partilhando. Iniciei um processo de investimento pessoal através da formação universitária (mestrado), formação curricular de treinadores (nível 3, o mais elevado), formação prática pelo desempenho da função de treinador (15 anos) e formação teórica e prática nos Estados Unidos através de cursos, estágios e colaboração como treinador. No plano da formação de treinadores, tenho, desde 1994, colaborado com a Escola Nacional de Basquetebol como formador através da operacionalização de sete cursos ministrados na formação curricular de treinadores e de duas palestras em acções de formação de formadores. Por iniciativa de diferentes entidades, federação, associações, universidades e clubes, fui intérprete de 34 comunicações apresentadas na formação de agentes desportivos. No plano da produção de material literário específico, registo uma moldura interessante de artigos e um livro.

Portanto, o inconformismo desencadeou um processo positivo de investimento, de trabalho e de partilha de informação.

O percurso desde há 26 anos, primeiro enquanto jogador e depois como treinador, deve ser o bastante, pela acção, para se perceber que o *basquetebol* é para nós algo muito sério, importante e que se aborda numa perspectiva de servir e prestar contributos.

João Carlos Oliveira

A, PAULO TINA E HUGO FAIAL

ido, pois esta situação é análoga à que vivi
o regional da Associação de Basquetebol
nessa altura, perguntava por que se avan-
iniciativas, em que medida serviam o todo.
era a criação de um «grupo de trabalho»
o assunto.

de prolongar no tempo a direcção do bas-
termos. Porém, não sendo alheio a que a
desenvolvimento estão associados proces-
e continuo a esperar que as pessoas sejam
não se «afoguem» na gestão do dia-a-dia.
ei o meu investimento no desenvolvimento
temas organizacionais na procura dos
ura a nossa modalidade — o basquetebol.
ultou um conjunto de ideias que, aprovei-
os disponíveis, fui partilhando. Iniciei um
o pessoal através da formação universitá-
o curricular de treinadores (nível 3, o mais
ica pelo desempenho da função de treina-
teórica e prática nos Estados Unidos atra-
e colaboração como treinador. No plano
ores, tenho, desde 1994, colaborado com
Basquetebol como formador através da
te cursos ministrados na formação curri-
duas palestras em acções de formação de
va de diferentes entidades, federação, as-
s e clubes, fui intérprete de 34 comunica-
rmação de agentes desportivos. No plano
literário específico, registo uma moldura
um livro.

o mesmo desencadeou um processo positi-
trabalho e de partilha de informação.
i 26 anos, primeiro enquanto jogador e de-
ve ser o bastante, pela acção, para se per-
é para nós algo muito sério, importante
perspectiva de servir e prestar contributos.

João Carlos Oliveira

Introdução

Fruto da maturação adquirida, pode afirmar-se que no centro do problema do nosso basquetebol se encontram cinco vectores: (1) modelo de jogo; (2) formação; (3) motivação; (4) «provincianismo competitivo»; e (5) divulgação.

Modelo de jogo

Muito se tem debatido quanto ao «modelo» de jogo para o basquetebol nacional. Esta ideia surge da associação entre a vontade de melhorar o nível competitivo, o reduzido campo de recrutamento, as características da população portuguesa e as necessidades de racionalização que estes vectores geram. Porém, em nossa opinião, este quadro é redutor — por ser muito directivo e condicionador da acção individual necessária e desejada — e por isso mesmo de difícil adesão, porquanto o «salto» qualitativo pretendido exige a participação de todos.

Como resultado desta perseguição do «modelo de jogo», não conseguimos ser reconhecidos internacionalmente por nada substancial (neste caso, como noutros, diríamos que o «ótimo é inimigo do bom»). Esta imagem ficou mais vincada quando percebemos, através de conversas com diferentes treinadores por essa Europa fora, que a cada país se associa um conjunto de características, também designadas pontos fortes. Porém, quando se fala do basque-

O PUZZLE

do Seleccionador Nacional de Basquetebol

Este é um «livro de trabalho». Relata o desafio que é preparar a Seleção Nacional de Cadetes Masculinos, com vista à sua participação na fase de qualificação para o 17.º Campeonato da Europa desta categoria.

Em *O Puzzle do Seleccionador Nacional de Basquetebol* encontramos:

- contributos para a criação da Carta da Escola Portuguesa de Basquetebol;
- como construir uma equipa;
- critérios e processos de selecção de jogadores;
- rotinas de treino ao nível do jogador e da equipa;
- indicadores de classificação dos desempenhos dos jogadores e das equipas baseados no processo;
- que basquetebol temos na Europa;
- como se treina uma selecção;
- como se organiza um Centro de Alto Rendimento;
- formas competitivas enquanto ferramentas integradas da formação de jogadores.

Estamos perante um novo e importante contributo para um melhor conhecimento do basquetebol nas suas múltiplas vertentes, e em particular do basquetebol português, o que para nós é mais gratificante ainda registar.

(Prof. José Francisco Costa, in Prefácio)

Vencer é importante mas não é tudo.
Tudo é esforçarmo-nos para vencer!

